

HUMOR RISÍVEL: UMA CONSTRUÇÃO DE EXPECTATIVA E RUPTURA
RISIBLE HUMOR: A CONSTRUCTION OF EXPECTATION AND RUPTURE
HUMOR RISIBLE: UNA CONSTRUCCIÓN DE EXPECTATIVA Y RUPTURA

 Maria José Nélo¹

 Aparecida Regina Borges Sellan²

1. Profa. Dra. da Universidade Estadual do Maranhão: mariano@uol.com.br
2. Profa. Dra. da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: borges@uol.com.br

ABSTRACT: This study deals with humor in teaching Portuguese, a Brazilian variant, for foreign learners, considering that humor is part of a discursive practice marked by culture. Thus, it aims to verify the interweaving between the linguistic, the image, the cultural and the situation of use in which the laughable humor occurs. For that, it is necessary to recover knowledge about discourse as an interactional social practice, the discursive context marked by the milestones of social cognitions, the culture printed and expressed in the language, the laughable humor related to specific, individual and social knowledge, present in the expressions polysemous lexicals. The results point to the importance of considering, in language-culture teaching, the possible relationships between image and lexical expressions to explain the multiple and polysemic values that provoke laughter among Brazilians.

Keywords: PLE's study; Humor; Learn.

RESUMO: Este estudo trata do humor no ensino de língua portuguesa, variante brasileira, para aprendizes estrangeiros, considerando que o humor se inscreve numa prática discursiva marcada pelo cultural. Assim, tem por objetivo verificar os entrelaçamentos entre o linguístico, a imagem, o cultural e a situação de uso em que se dá o humor risível. Para tanto, faz-se necessário recuperar conhecimentos sobre o discurso como prática social interacional, o contexto discursivo marcado pelos marcos de cognições sociais, a cultura impressa e expressa na língua, o humor risível relativo aos conhecimentos específicos, individuais e sociais, presentes nas expressões lexicais polissêmicas. Os resultados apontam para relevância de se considerar, no ensino de língua-cultura, as relações possíveis entre imagem e expressões lexicais a fim de explicitar os valores múltiplos e polissêmicos que provocam o riso entre brasileiros.

Palavras-chave: Ensino de PLE; Humor; Leitura.

RESUMEN Este estudio trata sobre el humor en la enseñanza del portugués, variante brasileña, para aprendices extranjeros, considerando que el humor es parte de una práctica discursiva marcada por la cultura. Así, pretende verificar el entrecruzamiento entre lo lingüístico, la imagen, lo cultural y la situación de uso en que se da el humor risible. Para ello, es necesario recuperar conocimientos sobre el discurso como práctica social interaccional, el contexto discursivo marcado por los hitos de las cogniciones sociales, la cultura impresa y expresada en la lengua, el humor risible relacionado con saberes específicos, individuales, y sociales, presentes en las expresiones léxicas polisémicas. Los resultados apuntan para la importancia de considerar, en la enseñanza de la lengua y la cultura, las posibles relaciones entre la imagen y las expresiones léxicas para explicar los valores múltiples y polisémicos que provocan la risa entre los brasileños.

Palabras-clave: Enseñanza del PLE; Humor; Lecture.

Recebido em: 14/05/2023

Aprovado em: 29/07/2023



Todo o conteúdo deste periódico está licenciado com uma licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0 Internacional), exceto onde está indicado o contrário.

Introdução

O humor é uma condição do espírito humano que se manifesta na e pela linguagem de modo a produzir o riso, a descontração, a crítica, o sarcasmo com desfecho cômico. No processo de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira, além de apresentar ao aprendiz as estruturas gramaticais, lexicais e discursivas da nova língua, deve-se, também, apresentar-lhe a nuance cômica dessa língua, entendendo tal característica como seu dado cultural. Assim, como contribuição para os estudos sobre o humor no ensino de Língua Portuguesa, variante brasileira, para falantes de outras línguas, privilegamos os aportes teóricos da Análise Crítica do Discurso, de forma a agrupar hierarquicamente uma visão integradora multidisciplinar, levando-se em consideração aspectos sociodiscursivos da construção do humor risível recorrentes na utilização de termos lexicais polissêmicos.

Na construção do humor risível, traços imagéticos e lexicais são múltiplos e polissêmicos, podendo ser tratados por diferentes enfoques teóricos das ciências da linguagem, tendo por ênfase a heterogeneidade de significados e sentidos das palavras em situação de usos em textos do cotidiano como charges e tirinhas. Leva-se em consideração os interesses dos aprendizes em obter conhecimento linguístico, competência comunicativa, domínio histórico-cultural para interagir em diferentes condições, com habilidades socioemocionais, de forma a compreender ocorrências da vida cotidiana nas inter-relações com outras práticas sociais discursivas de rir e fazer rir.

O objetivo do estudo realizado, cujos resultados aqui apresentamos, foi verificar as relações existentes entre prática de ensino de língua-cultura, cujo objeto é o texto em diferentes situações de ensino, e o humor, que tem por finalidade revelar efeitos emocionais risíveis para uns, mas não para outros. Nesse sentido, considera-se importante identificar e analisar os entrelaçamentos imbricados nos níveis linguístico, cultural e humorístico decorrentes de fenômenos extralinguísticos subjacentes nas práticas de ensino de língua portuguesa, tanto para falantes nativos brasileiros quanto para falantes de outras línguas. O falante nativo tende a acionar sentidos nos marcos de suas cognições sociais; esses sentidos, que são dominados pelos nativos, devem ser construídos para os falantes estrangeiros que se deparam com estranhamentos linguísticos, culturais, contextuais e situacionais nas interações cotidianas.

Para cumprir tal objetivo, apresentamos nossas reflexões cuja organização está assim delineada: uma Introdução com o tema geral. Na segunda seção, construímos um percurso de integração teórica apresentando aspectos sobre Análise Crítica do Discurso (ACD), Contexto e Discurso (VAN DIJK, 1995, 1997, 2012) e concepções sobre o humor risível (NÉLO; SILVEIRA, 2011) – ocorrências lexicais e imagéticas responsáveis pela ruptura de novas informações. Na seção seguinte, apresentamos, a título de

exemplificação, a charge e a construção do risível pela integração do linguístico e da imagem, de modo a considerar tal integração como responsável por despertar o riso, de acordo com as competências comunicativas, culturais, interacionais dos interlocutores. Encerramos com as Considerações Finais, que acenam para a importância de se considerar as relações de traços imagéticos e expressões lexicais de valores múltiplos e polissêmicos no ensino de língua-cultura nas interações sociais.

Integração teórica e concepções sobre o humor risível¹

Os estudos acerca do humor envolvem domínios de diversas áreas de conhecimento científico e de saberes culturais populares. Esses domínios circulam cotidianamente nas interações sociais, das quais emanam os conhecimentos prévios do locutor que, intencionalmente, os utiliza como meio para construir uma negociação com seus interlocutores. Isto é, com base em um acontecimento, o locutor constrói a projeção de um fato conhecido para seus interlocutores. Estes, simultaneamente, ao criarem uma expectativa sobre tal fato, deparam-se com uma informação nova. No intervalo entre o fato em construção e a entrada de uma informação nova, reside um dado inesperado capaz de promover efeitos risíveis entre os interlocutores.

O inesperado capaz de gerar efeitos humorísticos decorre dos conhecimentos vividos ou observados e é acionado de forma diferente de pessoa para pessoa, de cultura para cultura, de condições de usos linguísticos, situações comunicativas e interacionais diversas, de momentos históricos distintos, entre outras condições que promovem efeitos de mudanças relativas ao inesperado.

Dessa forma, deve-se considerar que os conhecimentos são plurais, relativos a um mesmo referente do mundo. Esses conhecimentos são crenças, na medida em que são apresentados como verdades para cada grupo social e essas verdades variam. Essas crenças constroem, com um conjunto de valores, os fatos sociais.

As crenças sociais decorrem do vivido e do experienciado socialmente, embora haja também experiências pessoais (Van Dijk, 1997). Tais experiências constroem formas de conhecimentos que estão armazenados na memória individual das pessoas, ao passo que as experiências sociais são grupais e estão armazenadas na memória social. Ambas, as sociais e as individuais, ficam armazenadas na memória de longo prazo das pessoas. Van Dijk (2000) propõe que há uma dialética entre o individual e o social. As crenças sociais, como forma de conhecimento, guiam a construção das crenças individuais e estas modificam as sociais, por meio dos discursos em circulação na sociedade.

¹O estudo do humor pelo prisma da Análise Crítica do Discurso decorre da integração das categorias Discurso, Sociedade e Cognição de ver e rever os acontecimentos cotidianos em que estamos imersos. Nesse contexto, é mister o conjunto dos estudos de Van Dijk, Silveira, entre outros.

Van Dijk (1997) define Discurso como prática socio-interacional que pode ser tanto relativo a um evento institucional e público, quanto a um evento particular, havendo uma dialética entre eles. Todas as formas de conhecimentos são construídas no e pelo discurso e este, por ser uma prática social, permite que as pessoas expostas a tais práticas construam um esquema mental, designado por van Dijk (1997) como contexto discursivo.

O contexto discursivo global é definido pelos seus participantes, suas funções e suas ações. As pessoas, que conhecem o contexto discursivo de uma determinada prática social discursiva, são capazes de definir o papel social que cada participante representa durante a prática social de um determinado discurso. Dessa forma, quando a pessoa conhece um determinado contexto discursivo global, é capaz de reconhecer, no momento da fala, qual prática discursiva está em ação, pois reconhece os participantes que agem nesta prática discursiva, pelos papéis sociais que estão representando.

Os contextos discursivos, (VAN DIJK, 2012), dependem do momento sócio-histórico-cultural em que tal prática é aceita, ou está em vigor. Todas as formas de conhecimentos, crenças, são construídas no e pelo discurso. Dessa forma, entende-se que o risível é um gênero discursivo que se define pela integração de diferentes gêneros manifestados em diferentes textos, específicos de cada discurso. Neste estudo, são analisados textos como charges e tiras que circulam em mídia digital, isto é, na internet.

Como gênero discursivo, esses textos mantêm relações com determinado contexto histórico-social e cultural. O gênero discursivo do risível pode tanto estar em discursos públicos institucionalizados quanto em eventos discursivos particulares.

Para dar suporte às análises, retomamos Austin (1965), ao situar o estudo da linguagem na fala, de forma a tratá-la por três atos: locucional, ilocucional e perlocucional.

O ato locucional implica a organização linguística do enunciado. O ato ilocucional é relativo às intenções do locutor. Ao falar, indiretamente, o locutor pretende que sua fala seja dotada de uma força locucional que ele acredita possível de ser reconhecida pelo interlocutor, em função das circunstâncias imediatas e do modo como a expressão textual foi construída. Já o ato perlocucional é realizado pelo interlocutor quando ele reconhece a intenção de seu locutor, construindo, assim, sentidos para a expressão textual-verbal. Se isso ocorre, segundo Austin, o princípio da felicidade é alcançado.

Todavia, é possível que o interlocutor possa considerar o dito com significados completamente diferentes daqueles pretendidos pelas intenções do locutor. Nesse caso, o ato ilocucionário não é compreendido, e o princípio da felicidade não é alcançado.

Embora Searle (1969) tenha modificado, em parte, os princípios dos atos de fala propostos por Austin, o essencial desses atos é mantido. A análise em três níveis dos atos de fala – o que foi literalmente dito, o ato pretendido e seu efeito real – é, também, aplicável a textos escritos.

Nas relações sociais, os participantes do discurso, por meio de vários sistemas cognitivos, sabem e reconhecem as condições e adequações dos atos de fala e os seus respectivos contextos. De acordo com Van Dijk (1995), a partir dos atos de fala, numa interação comunicativa, os participantes tanto sabem como reconhecem uma manifestação de crenças, desejos, preferências, normas e sistemas de valores; sendo assim, os sistemas de conhecimento desempenham um importante papel na adequação das condições sociais e da comunicação.

As condições de adequação comunicativas são de natureza cognitiva e incluem o que o locutor visa alcançar do interlocutor, a saber: a) o locutor sabe sobre o quê; b) o locutor acredita que; c) o locutor quer que; e, d) o locutor considera bom que. Tais premissas, para Van Dijk (1997), constituem-se de “idealizações” entre aceitação e compreensão dos atos de fala. Para tanto, o objetivo do locutor será alcançado se o interlocutor compreender o que está sendo comunicado.

Uma vez que os usuários da língua, reciprocamente, podem atribuir aos enunciados dos atos convencionais: promessas ou ameaças, aviso ou declaração, pergunta ou orientação, entre outros, num contexto comunicativo, o locutor tem certas obrigações e intenções com os interlocutores, na medida em que ativa atos precedentes, enunciados, observações e suposições já armazenados ou inferidos pelos atos.

Pelos atos de fala, os usuários da língua sabem, selecionam e entendem cada situação comunicativa, pois as pessoas, pelo uso dos textos, tanto planejam suas ações diárias como (re)criam significações de fatos sociais num processo interativo, tipificado naquela cultura e em suas instituições (BAZERMAN, 2005). Para tanto, é necessário entender que os atos de fala envolvem a relação dos indivíduos na sociedade, situados, no e pelo discurso, na cultura e em suas instituições.

Para Van Dijk (1995), os macroatos de fala são ações, resultam de uma sequência de atos e requerem o planejamento e uma representação global. Isto é, certas sequências de vários atos de fala podem ser pensadas e entendidas, pois funcionam, socialmente, como um só ato de fala. Tal conjunto de atos de fala é realizado por sequências que denominam ato global de fala.

O ato da enunciação humorística, para Charaudeau (2008), ocorre no interior de diversas situações e tem por fins estratégicos fazer de seu interlocutor um cúmplice, quando ocorre uma ruptura com a ordem de direito. O ato humorístico resulta do jogo que se estabelece entre os parceiros da comunicação e os protagonistas da situação de enunciação.

Para Chabrol (2008), o ato humorístico implica existir, entre locutor e interlocutor, convivência. Na medida em que encobre a ruptura com a ordem de direito, constrói a subversão, ou seja, como uma prática em conluio, fundada em características, por vezes, deslocadas de um enunciado e de uma enunciação.

A convivência deve-se a intenções do locutor de estabelecer uma ação comunicativa com seu interlocutor, sem ofendê-lo em suas crenças nem em seus valores. O autor considera natural que o

destinatário pode não reconhecer essa intenção, ou entendê-la mal, ou ainda recusá-la, uma vez que é raro comunicar, de maneira homogênea e contínua, de forma humorística.

Os fatos sociais decorrem de coisas que pessoas acreditam serem verdadeiras e, assim, afetam o modo como tais pessoas definem uma situação. Essas, assim, agem como se esses fatos fossem verdades. As coisas passam a ser reais em suas consequências e no que as pessoas acreditam ser um fato.

Os fatos sociais relacionam temas fundamentados no agir e na compreensão social de uma série historicamente desenvolvida de compreensões, de acordo com as instituições de autoridades que são acatadas pelas pessoas, do mesmo modo que as pessoas são levadas a reconhecer e legitimar essa autoridade, sob certas condições do que se fala ou se escreve como força do agir das pessoas.

Há de se considerar, também, a intertextualidade como fato social, pois o que foi dito, anteriormente, compartilha com a situação do texto em ocorrência, de forma que as referências intertextuais tendem a estabelecer uma retomada apropriada com aquelas que *legitimam o fazer*.

As pessoas, após processar a informação, constroem um esquema mental do fato conhecido. Esse foi construído em determinado momento histórico do seu acontecimento; assim, o vivido e o experienciado socialmente, juntamente com o vivido e experienciado individualmente propiciam formas históricas de conhecimentos, as quais são dinâmicas, na medida em que um fato social é construído e guiado por valores culturais e ideológicos.

Segundo Maingueneau (1998), a captação e a subversão são duas estratégias opostas de reinvestimentos de um texto ou de um gênero de discurso. Captação e subversão podem atingir um texto particular associado a um gênero. A captação consiste em transferir para o discurso um revestimento de autoridade relacionada ao texto ou ao gênero fonte. Contrariamente, na subversão, a imitação permite desqualificar a autoridade do texto ou gênero fonte.

Dessa forma, o rir resulta da captação e da subversão de uma regra admitida, de uma conduta usual, de uma crença existente.

Para concepção de cognições sociais, cultura e ideologia, Silveira (2004) afirma que a diferença entre ideologia e cultura decorre dos valores que compõem as formas de conhecimentos. A ideologia impõe uma escala de valores decorrentes dos interesses da classe de poder; esses valores têm por intenção discriminar as pessoas. Os valores culturais são relativos ao vivido e ao experienciado em sociedade e têm raízes históricas e contemporaneidade, são transmitidos de geração para geração, de forma a construir normas e atitudes que guiam as pessoas ao se relacionarem com o mundo, sem o objetivo da discriminação. Os valores ideológicos são, por exemplo, os preconceitos e os tabus; os valores culturais, por exemplo, estão presentes nas formas de se vestir, de se calçar, de se alimentar, de se relacionar socialmente.

Nesse contexto, faz-se necessário refletir acerca do ensino modelado pela orientação gramatical da língua em contraposição com as ocorrências de seu uso efetivo. Aponta-se, nesse caso, situações diversas provocando estranhamentos de sentidos e rupturas com as regras aprendidas.

Se as cognições sociais são formas de conhecimentos construídos pelo vivido e experienciados em sociedade, se os participantes sociais, para interagir e captar a subversão do conhecido para identificar a ruptura e atingir o risível, como no ensino de Português Língua Estrangeira/Português para Falantes de outras Línguas– PLE/PFOL, é possível “ajudar” o aprendiz a construir esse contexto do outro para atingir o humor risível?

A partir das frequentes perguntas dos alunos nativos e dos estrangeiros sobre o uso gramatical dos pronomes possessivos e seus diferentes valores em situação de uso, que correspondem com as prescrições gramaticais, iniciamos a seleção de textos de diferentes gêneros discursivos que contivesse ocorrências de pronomes possessivos para realização de um estudo qualitativo de cunho exploratório, a fim de explicar os fatores que contribuem para efetivação do humor risível.

Foram selecionados mais de vinte textos, para qualificar as ocorrências de cunho exploratório, destacamos duas charges e duas tirinhas disponíveis no site do Google e no WhatsApp, aplicativos usados frequentemente pelos aprendizes. Os textos, objetos de estudo, contribuem para a observação da ocorrência dos fenômenos gramaticais e culturais os quais provocam/permitem identificar o humor risível. Os procedimentos de análise consideraram a identificação do pronome possessivo no contexto linguístico, seu papel e função nos contextos discursivo e interacional (Os procedimentos de análise possibilitam um entendimento sobre a realidade de tais fenômenos, como um processo permanentemente inacabado.)

Tecnicamente, um texto traz a representação de uma dada situação, cujo contexto deve fazer parte dos modelos de situação dos interlocutores e, por isso, fornece subsídios para uma interpretação do que está representado, ou seja, a função do provocador do riso é autorizada pelo <<saber fazer>> o outro rir, e a do interlocutor é autorizada pelo <<saber, poder rir>>, por ter reconhecido, nas ações construtoras do texto, a intenção do locutor.

Dessa forma, há convivência entre ambos. Todavia, muitas vezes, o macroato ilocucional de fazer rir não propicia o riso do interlocutor, pois ele não reconhece as intenções do seu locutor, expressas no texto; ou ainda, o interlocutor ri porque reconhece no conjunto nas ações praticadas pelo locutor o macroato de fazer rir, embora o locutor não tenha tido a intenção de praticar tal macroato ilocucional, ao construir seu texto verbal.

Nesse sentido, o locutor constrói, por expressões linguísticas polissêmicas, uma orientação de leitura para propiciar a associação, seguida de uma dissociação aceitável para o interlocutor que reconhece, emocionalmente, a ambiguidade com a produção de uma inferência ostensiva devido à relevância e

reformula racionalmente seu contexto anterior, os efeitos de gramaticalização, competência linguística, comunicativa, cultural, histórica e repertório cultural para fruir nas diversas práticas sociais.

A charge e o risível: atribuições de valores além do texto

O risível é uma prática social e se define por participantes, suas funções e suas ações. Os participantes dessa prática discursiva são representados de diferentes maneiras: o *locutor* é representado como aquele que diz algo engraçado e o *interlocutor* é aquele que sabe reconhecer o que é engraçado; assim, as suas funções são: *locutor* é quem faz rir e *interlocutor* é quem ri. As suas ações são guiadas por macroatos: o locutor, pelo macroato ilocucional, imprime as suas intenções de fazer rir, e o interlocutor, com seu macroato perlocucional, capta as intenções do locutor e, pelo emocional e pelo racional, compreende o que é engraçado, de forma a provocar o riso.

Enquanto discurso, o risível é um gênero discursivo. As pessoas, pelo uso de texto, podem construir o riso, pois não só organizam as suas ações diárias de diletantismo, mas também criam significações e fatos sociais num processo interativo, na medida em que o risível reconstrói, de maneira jocosa, fatos e conhecimentos já armazenados na memória social.

A título de exemplificação, charge 1:



Fonte: **Charges WhatsApp**. Acesso: 17-04-2020.

a) No que se refere aos macroatos de fala, as ações do locutor são guiadas pelo seu macroato para provocar o riso, a fim de obter a convivência do interlocutor e provocar o riso. Um locutor pratica as seguintes ações:

b) as ações do provocador do riso são construir dois fatos:

Fato 1—introdução da expectativa de uma história: “Era uma vez” representada pela introdução da estrutura de uma narrativa canônica – conto – não marcada por um tempo definido; na sequência, tem-se o complemento “a minha paciência...”, com o uso do pronome possessivo adjetivo que estabelece um pertencimento imaneente “minha paciência”. Culturalmente, espera-se a continuação de uma história. No

entanto, os interlocutores captam sentidos que criam expectativas de continuação, porém deparam-se as reticências.

Fato 2 – supressão do acontecido: intervalo entre as reticências e os enunciados FIM, seguido por “Tá carente? tó!”, constituem n-possibilidades de significados para o interlocutor. O enunciado “minha paciência” em que o pronome possessivo, que não tem valor de posse, exerce função importante na relação interacional entre os interlocutores, uma vez que se remete ao que, seguramente, o interlocutor deve reconhecer como o estabelecimento de um limite da “paciência”, em dada prática social. Isto é, nesta charge, o fazer transformador que deve marcar a mudança de uma situação inicial – de equilíbrio – para uma situação final modificada – com um novo equilíbrio – próprio das narrativas, é subtraído de modo que seu preenchimento pelo interlocutor desencadeia o inesperado, o risível.

O participante que exerce o papel de provocador textual coordena as atividades e compartilha significados e propósitos com o interlocutor. Significa que a própria vida social e a atuação dos participantes são encadeadas por uma série de ações textuais que funcionam como enquadres e, mesmo que os gêneros sejam bastante específicos, eles permitem aos participantes novas realidades de significação, relações e conhecimentos, ao fazer uso de textos.

Os fatos sociais consistem em ações significativas realizadas pela linguagem, ou seja, atos de fala. Tais atos são responsáveis pela produção de textos inteligíveis, que se relacionam a outros textos e gêneros ocorrentes nas atividades humanas, podendo oferecer instrumentos para a reflexão sobre o papel da criatividade social, de forma que os participantes podem fazer coisas novas acontecerem de maneiras novas em diferentes oportunidades interacionais. A expressão “minha paciência” remete a muitas outras formas de o brasileiro referir-se ao modo como reage em diversas situações de interação sociais: “paciência”, pedindo calma; “minha paciência!!!” expressando a falta dela; “paciência, né”, expressando conformismo, entre outros. São formas típicas usadas por brasileiros em diferentes situações, o que lhe permite completar sentidos ainda que haja omissão de informações. No entanto, para um aluno estrangeiro, esses usos e recurso precisam ser construídos.

Quanto a uma possível leitura da imagem, por uma perspectiva multimodal, temos a exposições visual de dois esquemas: “onça” e os enunciados: “Uma história curta. Era uma vez a minha paciência... FIM.”, as quais constituem dois esquemas mentais imagéticos de conhecimentos: no primeiro, a imagem da onça humanizada ou antropomorfizada como bípede e, no segundo, a narrativa de uma história ou caso “a respeito da paciência”, ou seja, “Era uma vez a minha paciência...” remete à expectativa da narrativa de um acontecimento. Tais esquemas ativam na memória de longo prazo social os *scripts*, que, na cultura do brasileiro, podem ser apresentados numa cronologia temporal os seguintes momentos históricos: no

primeiro, uma animal felino próprio da fauna tropical e que, nas narrativas infantis, representa o medo; em “era uma vez a minha paciência...” representa a sequência de um acontecimento.

Ambos os *scripts* são focalizados por ‘subversão’, ‘ruptura’ e ‘convivência’. Culturalmente, esses *frames* são hierarquizados pelos demais sentidos secundários: <<onça triste e bípede, é aquele animal humanizado>>, já <<Era uma vez a minha paciência... FIM, que remete a uma lacuna, possível de ser preenchida por quem ler>>. Nessa sequenciação, o interlocutor reconhece a focalização dada no *frame* do *script*, ao associar: “onça e minha paciência...”, que relaciona à paciência humana uma onça.

Assim, os sentidos construídos por inferências decorrem de um outro *script* ativado pelo interlocutor e este varia de interlocutor para interlocutor, embora seja guiada por orientação do locutor.

A título de exemplificação, charge 2:



Fonte: <https://www.sar11.org.br/noticias/2020/01/charge-do-mes-de-janeiro-2/>

a) No que se refere aos macroatos de fala, as ações do locutor são guiadas pelo seu macroato para provocar o riso; para isso, recorre aos suportes de veiculação de dispositivos de telefonia, computador e celular e a personificação de três gerações de usuários na charge, a fim de obter a convivência do interlocutor e provocar o riso. O locutor pratica as seguintes ações:

b) as ações do provocador do riso são construir dois fatos:

Fato 1 – apresentação de um telefone fixo com fio e teias de aranha, demonstrando antiguidade ou obsolescência versus questionamento do celular, que pergunta “O SENHOR PEGA WI-FI?”, demonstrando atualidade ou utilidade. O telefone fixo é tratado de “SENHOR”, e o enunciado “pega wi-fi” remete ao acesso à integração de redes de internet. Tais conexões de telefonia e gerações diferentes encadeiam a ideia de ultrapassado, antigo, velho; pegar implica agarrar algo ou alguém, segurar, pegar com força para manter conexão com sistema de transmissão rápida. Na charge, o enunciado “pega wi-fi” marca a potencialidade de uso de internet e conexões sem fios atual. O uso do verbo *pegar* com o neologismo *wi-fi*, culturalmente, decorre das novas mídias e circula nas interações de grupos de jovens e de internautas. E o sentido construído é <<conectar-se>>, ter acesso à conexão de transmissão de dados, em tempo real.

Fato 2 – repressão do acontecido: “RESPEITA SEU AVÔ, MOLEQUE!”. A contestação representada pelo monitor de um computador, mais atualizado do que o telefone fixo, constitui represália à redução do vigor do avô, ao ser questionado se “pega wi-fi”, além de redução de força, ausência de potência para operacionalização das novas tecnologias entre significados para o interlocutor.

O participante que exerce o papel de provocador textual encadeia imagens e textos para ordenar as atividades e compartilhar significados e propósitos com o interlocutor. Significa que a própria vida social e a atuação dos participantes são encadeadas por uma série de ações intertextuais que funcionam como enquadres e, mesmo em gêneros específicos, eles permitem aos participantes novas realidades de significação, relações e conhecimentos, ao fazer uso de textos.

Os fatos sociais consistem em ações significativas realizadas pela linguagem, ou seja, atos de fala. Tais atos são responsáveis pela produção de textos inteligíveis, na medida em que relacionam as ocorrências de ações humanas, podendo oferecer instrumentos para a reflexão sobre o papel da criatividade social, de forma que os participantes possam obter novas maneiras de agir em diferentes oportunidades interacionais.

As exposições visuais: “telefone fixo, celular e monitor de computador” e enunciados “O SENHOR PEGA WI-FI?” e “RESPEITA TEU AVÔ, MOLEQUE” constituem dois esquemas mentais imagéticos de conhecimentos: no primeiro, “equipamentos eletrônicos e aperfeiçoamento acelerado e potencialização inovadora das tecnologias” e, no segundo, “o senhor pega wi-fi?”; “respeita teu avô, moleque!” remete às dificuldades da geração mais velha em acompanhar as mudanças tecnológicas, além de se depararem com novas palavras. Tais esquemas ativam na memória de longo prazo social os respectivos *scripts*, que, devido à cultura do brasileiro, podem ser apresentados em uma cronologia temporal dos seguintes momentos históricos: no primeiro, o telefone fixo, equipamento usado por poucas pessoas; no segundo, o avô indefeso por não acompanhar as mudanças tecnológicas; já o moleque, representado pela imagem do celular “usar dos novos conhecimentos tecnológicos” como recurso de conexão “wi-fi” e rapidez interativa com equipamentos e comunicação.

Ambos os *scripts* são focalizados por ‘convivência’ e ‘subversão’ como meio de negociação entre locutor e interlocutor. Culturalmente, o seguinte *frame* é hierarquizado pelos demais sentidos secundários: <<quem é velho não acompanha inovações, não entende o que é pegar, e não tem elementos estruturais e técnicos para interligar com as redes sociais eletrônicas>>, de forma a manterem-se os conflitos entre gerações e acompanhamento de usos das novas tecnologias. Nessa sequência, o interlocutor reconhece a focalização dada no *frame* do *script*, ao associar: “telefone e avô”, que se relaciona a uma outra situação “celular wi-fi e moleque”.

Assim, os sentidos construídos por inferências decorrem de um outro *script* ativado pelo interlocutor e este varia de interlocutor para interlocutor, embora siga a orientação do locutor, nas imagens orientadoras:

“telefone fixo, celular e monitor”, encontra-se com “pega wi-fi” e “respeita teu avô”. É possível, assim, que o interlocutor ative o *script* “diferença de geração” que tem por *frame* <<asinovações tecnológicas >>.

Nesse sentido, a partir do *velho*, busca-se criar no interlocutor uma cumplicidade, pois se remete ao já sabido por ele. Para tanto, dissocia-se o que anteriormente fora associado, para resolver a “polissemia visual” pela reconstrução do fato representado iconograficamente; assim, o provocador do riso muda o papel social do personagem envolvido, enfatizando as diferenças de valores entre as gerações “velho” versus “novo”, marcado tanto pelas escolhas lexicais: “senhor” e “respeita seu avô, moleque” quanto pelas representações imagéticas corcundas e com teias de aranha para o telefone antigo e celular e a tela do computador, eretos. No caso dessa charge, a representação imagética poderá contribuir para a interpretação tanto do aluno nativo quanto do estrangeiro que identificarão os traços “velho” versus “novo”, desencadeando o risível.

A noção de modelo, para o autor, propicia explicar por que o mesmo texto não produz a mesma leitura, seja por leitores diferentes, seja para o mesmo leitor, em momentos distintos. Nesse sentido, os fatos sociais selecionados por quem “provoca o riso” nem sempre propicia o riso para todos os interlocutores. Estes projetam modelos de situação diferentes, o que lhes impede de serem coniventes com “o provocador do riso”.

Considerações finais

No processo de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira, faz-se necessário apresentar ao aprendiz matizes sobre a nova língua, entendendo tal característica como seu dado cultural. Assim, buscamos contribuir para os estudos sobre o humor no ensino de Língua Portuguesa, variante brasileira, em charges expressas por imagens e enunciados lexicais. Por entender que essas, por sua vez, ora compõem elementos que levam o locutor a ativar expectativas para os interlocutores, ora orienta-os a reformular a hipótese inicial, na medida em que os interlocutores se deparam com um fato novo. Nos interstícios da composição e do novo fato, as ações do locutor são promover mudanças de humor em seus interlocutores.

Quanto à construção do humor risível, é notório que traços imagéticos e expressões lexicais de valores múltiplos e polissêmicos são adequados para as ações propostas neste estudo, considerando o ensino de língua-cultura sob o elo da multiplicidade de significados em diferentes situações de usos em textos do cotidiano. Nas charges exemplificadas, é possível perceber, como apresentamos nas palavras introdutórias deste artigo, como acionam a necessidade de provocar o interesse dos aprendizes em obter conhecimento linguístico, competência comunicativa e domínio histórico-cultural de forma a considerar o discurso como forma de construção social, além de contribuir com outras práticas sociais discursivas de rir e fazer rir.

Dessa forma, podemos afirmar que os objetivos foram alcançados, as análises apontaram que, nas relações Língua-cultura, os textos humorísticos revelam efeitos emocionais risíveis, para além de

complexos linguísticos, culturais e históricos desinentes de eventos implícitos nas práticas de ensino de Língua Portuguesa, tanto para falantes nativos brasileiros quanto para falantes de outras línguas. As análises mostraram ainda que o falante nativo constrói significados a partir de suas experiências sociais; esses sentidos precisam ser construídos para os falantes estrangeiros de forma a diminuir o distanciamento interacional e cognitivo entre os sujeitos.

Assim, a charge e a construção do risível pela integração do linguístico e da imagem são responsáveis por despertar o riso, de acordo com as competências comunicativas, culturais, interacionais dos interlocutores, bem como os desafios na prática de ensino de Língua, Cultura e Humor em interfaces com outros níveis de organização da linguagem, conforme demandam os aprendizes.

Referências

- AUSTIN, J. L. (1962) **How to do things with words**. Londres, Oxford. (Traducción castellana: *Cómo hacer cosas con palabras*) Barcelona: Paidós, 1982.
- BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez Editora, 2005.
- CHABROL, C. Humor e mídia: definições, gêneros e cultura. In: LARA, G. M. P., MACHADO, I. L.; EMEDIATO, W. (orgs). **Análises do discurso hoje**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 221-234.
- CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso: modo de organização**. CORRÊA, A. M. S.; MACHADO, I. L. (coord. de trad.) São Paulo, Contexto, 2008.
- NELO, M. J.; SILVEIRA, R. C. P. **Discursos do risível e do riso numa visão sócio-cognitiva**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011. (Tese Doutorado).
- SEARLE, J. **Speech acts**. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.
- SILVEIRA, R. C. P. Implícitos culturais: ideologia e cultura em expressões linguísticas do Português brasileiro. In: BASTOS, Neusa (org.). **Língua portuguesa em calidoscópio**. São Paulo: EDUC, 2004. (p. 143-158)
- VAN DIJK, T. A. **Texto y contexto, semántica y pragmática del discurso**. Madrid: Catedra, 1995.
- VAN DIJK, T. A. **Discourse como Social Interacion, Discourse Studies: a multidisciplinary introduction**. London: Sage Publications, 1997. Vol. 2.
- VAN DIJK, T. A. **El discurso como estrutura y proceso, estudios sobre o discurso I una introducción multidisciplinaria**. Barcelona, Espanha: Gedisa, 2000
- VAN DIJK, T. A. **Discurso e contexto, uma abordagem sociocognitiva**. ILARI, R. (trad.) São Paulo: Contexto, 2012.